

O agronegócio é o seguinte

O juro aleija, mas o câmbio mata

CHAMADA deste editorial traz uma frase memorável do professor Mario Henrique Simonsen, resgatada recentemente em trabalho da Sociedade Rural Brasileira, apresentado na audiência pública da Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados. Muitas atividades econômicas no País, em particular aquelas associadas à agroindústria, ficaram sufocadas e sucumbiram diante do juro alto e da valorização do câmbio.

Se há uma tendência de declínio nas taxas de juros internas, para o câmbio a previsão mais clara é de um quadro de persistência da sobrevalorização da moeda nacional ante o dólar. Para a safra 2007/08, cujo plantio está em andamento no centro e Sul, está nessa conjectura o maior risco dos produtores rurais em termos econômicos. A alta dos preços das *commodities* agrícolas internacionais diminui o efeito do câmbio, o que não significa a inexistência de perigo.

Fato interessante é o crescimento significativo registrado nas operações de venda futura dos grãos. Muitas aquisições de insumos foram fechadas mediante o comprometimento da entrega da colheita, com fechamento de posição no mercado futuro (*hedge*). Essas operações são tecnicamente corretas do ponto de vista da gestão e uma garantia para cobrir os riscos de uma virada no mercado e da aceleração do câmbio.

No campo o ambiente é positivo. Depois das safras 2004/05 e 2005/06 sem resultados financeiros favoráveis e um acúmulo nas dívidas, houve uma tênue recuperação na temporada 2006/07. Agora, neste ciclo, poderá ocorrer uma verdadeira redenção com o efeito combinado de crescimento de área, maior volume de produção e lucro para capitalização do produtor. Com vendas de insumos bem mais fortes, os indícios são de uma intensificação no padrão tecnológico das lavouras.

Agroanalysis apresenta um caderno especial sobre a cadeia produtiva da carne bovina. A situação brasileira é

particularmente admirável. Desde 2003, assumiu a liderança nas exportações ao superar a Austrália, com perspectiva de cada vez mais consolidar essa posição. Possui o maior rebanho comercial e taxa de desfrute com potencial para chegar a 30% nos próximos anos. Em termos de produção, ante a disponibilidade de recursos, deverá passar os Estados Unidos.

Mas o horizonte não é somente róseo na pecuária. A questão sanitária pega bem forte e merece um tratamento especial. Investimentos em laboratórios e qualificação da mão-de-obra fazem parte da ordem do dia. Todo esforço nessa direção certamente encontrará o devido retorno. Como signatário de uma série de compromissos com a Organização Mundial do Comércio e a Organização Internacional de Epizootias, o Brasil será alvo de muitas exigências e reclamações.

As Barreiras Técnicas de Comércio constituem uma realidade presente no *agribusiness* internacional. Para fazer parte desse jogo, os *players* devem estar preparados. O conceito da sustentabilidade, baseados no *triple bottom line*, no equilíbrio entre economia, meio ambiente e responsabilidade social, ganha força global. No caso da pecuária, além das boas práticas da produção e industrialização, os requisitos do bem-estar animal são correntes e mexem forte na sensibilidade do consumidor.

Na linguagem dos negócios, entram as figuras da certificação e dos selos, com uma gama de influência nas cadeias produtivas. É indispensável entender às especificações e às normas no estabelecimento de uma postura estratégica para os produtos, serviços e processos do agronegócio. Existe uma série de etapas para serem cumpridas. Qualquer precipitação poderá redundar em uma série de exigências a serem cumpridas, sem haver condições para executá-las. Esse campo de conhecimento, ainda incipiente no Brasil, faz parte da competitividade comercial entre as nações. ■